



Cozinhar e Comer em *Orange is the New Black*: Relações de Consumo, Poder, Pertencimento e Cidadania¹

Joana A. Pellerano²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP

Resumo

O presente trabalho analisa um produto comunicacional que traz uma oportunidade de observação da relação entre consumo e cidadania: a comida e o cozinhar. O objetivo deste artigo é analisar de que forma a comida e seu preparo permeiam as relações de consumo, poder, pertencimento e cidadania em *Orange is the new black*, série original da plataforma *Netflix*, ao longo de suas três temporadas. Para tanto, foram analisados qualitativamente os 39 episódios de cerca de 60 minutos cada exibidos entre 2013 e 2015. Dada a relevância da personagem Red dentro da temática escolhida, essa se torna a linha condutora do trabalho. A análise revela diferentes maneiras como, dentro do microcosmo da prisão fictícia, a comida e o acesso a seu preparo são transformados pelas detentas em ferramentas identitárias, de pertencimento, influência e controle (FISCHLER, 1995, 1996) capazes de estreitar a relação entre consumo e cidadania (CANCLINI, 1995; CORTINA, 2002, 2004).

Palavras-chave: consumo; cidadania; alimentação; cozinhar; *Orange is the new black*.

Introdução

A série ficcional *Orange is the new black* é diferente do que se costuma ver na televisão. Para começar, é uma produção original da *Netflix*, uma plataforma audiovisual por assinatura oferecida pela internet, e seus episódios são disponibilizados de uma vez só, para que o telespectador assista quando (e quantos) quiser. A comédia dramática *OITNB* (como é conhecida pelos fãs online) estreou em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Cidadania: Políticas de Reconhecimento, Redes e Movimentos Sociais, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM/SP, e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e em Comunicação e Gastronomia pela Universitat de Vic. E-mail: joanapellerano@yahoo.com.br.



julho de 2013, está em sua terceira temporada e é baseada no livro de memórias homônimo de Piper Kerman, uma jovem de classe média alta que passou 15 meses em uma prisão federal de segurança mínima nos Estados Unidos por envolvimento com lavagem de dinheiro para um cartel de drogas internacional.

A série acompanha a personagem Piper Chapman (interpretada pela atriz Taylor Schilling) e suas companheiras na penitenciária fictícia Litchfield em suas relações e dificuldades para lidar com o dia a dia no cárcere. A estrutura narrativa revela aos poucos as histórias das presas por meio de *flashbacks*, e o elenco predominantemente feminino dá vida a realidades geralmente negligenciadas pela cultura televisiva dominante (LOPÉZ e BALSAS, 2014), abordando problemáticas socioculturais, raciais, de gênero e de poder (MONTORO e SENTA, 2015) e abrindo espaço para debates sobre transexualidade, homossexualidade, prostituição, estupro, violência doméstica, consumo de drogas, aborto, conflitos raciais, abuso de poder e corrupção policial, entre outros temas.

Com a supressão de suas liberdades, as presas de *OITNB* encontram poucas oportunidades de expressão de suas identidades e de exercer sua cidadania como parte autônoma daquele grupo social (CANCLINI, 1995; CORTINA, 2002, 2004). As detentas não desfrutam da autonomia da vida fora da prisão: os uniformes padronizantes que são forçadas a usar – laranja para as novatas, cáqui para as veteranas – são uma lembrança constante disso. Estão todas em uma mesma situação marginal na sociedade, mas, ainda assim, não são iguais. Suas experiências, idades, etnias, religiões e preferências sexuais reforçam distinções internas que tornam as relações de pertencimento e influência ainda mais complexas.

Subjugadas e desafiadas pelas estruturas de poder autoritário, as protagonistas de *Orange is the new black* buscam alternativas para lidar com a opressão que sofrem não só como mulheres, mas também como mulheres negras, idosas, lésbicas e transsexuais [*sic*]. Evidenciam-se, assim, maneiras plurais de enfrentamento feminino, que vão desde o isolamento, a loucura, o apego religioso e o sexo à formação de guetos raciais, étnicos e etários (MONTORO e SENTA, 2015, p. 9).



Nesse cenário, essas mulheres formam alianças com base em qualquer desses traços que tenham em comum, ao mesmo tempo em que exploram ao máximo toda oportunidade de acesso a bens de consumo na tentativa de reafirmar-se ou destacar-se na hierarquia social. Como minorias dentro de um grupo minoritário – detentas do sexo feminino –, não deixam passar oportunidades que poderiam ser ignoradas ou menosprezadas por seus pares em liberdade.

É dentro desse contexto que a comida e o acesso a seu preparo se transformam em um arsenal identitário, uma ferramenta de pertencimento, poder e controle (FISCHLER, 1995, 1996) capaz de estreitar a relação entre consumo e cidadania (CANCLINI, 1995; CORTINA, 2002, 2004). Isso pode ser percebido, por exemplo, no status social dado aos que trabalham na cozinha. A cozinheira que comanda o espaço usa sua versão de dolmã e toque, a jaqueta e o chapéu que são uniforme dos chefs profissionais, e escolhe suas funcionárias, que por sua vez trajam aventais e toucas para conter os cabelos, destacando-se esteticamente das demais. Além disso, sem que os guardas saibam, a chef tem autoridade para decidir quem vai ou não receber a bandeja de comida: em seu primeiro dia na prisão (S01E01³), Piper comete uma gafe com Red, que comandava a cozinha, e acaba dias sem comer, como veremos adiante.

Red é o apelido da personagem Galina Reznikov (interpretada pela atriz Kate Mulgrew), uma referência a seu nome e a seus cabelos pintados de vermelho. Antes de ser presa, a imigrante russa era dona de um restaurante e envolve-se com a máfia russa. Em Litchfield, Red chefia um grupo de presas e se comporta como mãe de todas, ilustrando relações de dominação e submissão em função de sua influência à frente da cozinha e de seu acesso aos ingredientes. A personagem encarna perfeitamente os usos que as detentas fazem da comida e do cozinhar para exercer poder, pertencimento e cidadania.

³ Adotamos aqui a forma como os episódios das séries de TV costumam ser apresentados na internet, com S representando a temporada (*season*, em inglês) e E, o episódio.



Como os produtos midiáticos ficcionais (em especial as narrativas audiovisuais) trazem sempre um componente mimético (LOPÉZ e BALSAS, 2014), a relação entre comida e seu preparo e consumo, cidadania e pertencimento presente em *OITNB* é também um retrato dos diferentes usos que fazemos da alimentação. É considerável o valor simbólico que possui um bem de consumo com permissão para adentrar e compor o próprio corpo do consumidor: essa incorporação (FISCHLER, 1995) cria uma estreita relação entre o indivíduo e sua comida.

O objetivo deste artigo é analisar de que forma a comida e o cozinhar permeiam as relações de consumo, poder, pertencimento e cidadania no retrato midiático de uma prisão feminina proposto pela série de TV *Orange is the new black* ao longo de suas três temporadas, lançadas entre 2013 e 2015 pela plataforma *Netflix*. Para tanto, foram analisadas qualitativamente quase 40 horas de *OITNB*: cada uma das três temporadas exibidas até o momento é composta por 13 episódios de cerca de 60 minutos. Dada a relevância da personagem Red dentro da temática escolhida, essa se torna a linha condutora do trabalho, sem que as demais personagens sejam esquecidas. Os principais autores que apoiam essa discussão são o filósofo argentino Néstor García Canclini (1995), a filósofa espanhola Adela Cortina (2002, 2004) e o sociólogo francês Claude Fischler (1995, 1996).

1 - Consumir para ser cidadão

O episódio de estreia de *OITNB* (S01E01) mostra a vida que Piper leva 10 anos após namorar a traficante Alex (interpretada por Laura Prepon) e transportar a seu pedido uma mala com 50 mil dólares dos Estados Unidos para a Bélgica. Piper mora com o namorado Larry (Jason Biggs) e produz cosméticos artesanais com a amiga Polly (Maria Dizzia) quando é intimada a responder por seu crime. É por meio da jovem loira de classe média alta e da brutal mudança por que passa seu dia a dia que os telespectadores são apresentados às mulheres de Litchfield. Sem acesso ao



padrão a que estava acostumada, Piper agora precisa se adaptar à vida em que não pode mais fazer, vestir, se comportar ou mesmo comer o que quiser.

No cárcere não há alpargatas de marca ou tomates orgânicos. As detentas vestem uniformes e são proibidas de usar maquiagem (ainda que algumas driblem a regra). Além disso, precisam trabalhar, além de contar com o patrocínio de familiares e amigos, para ter crédito na lojinha da prisão, equipada com artigos de higiene pessoal, salgadinhos, doces e produtos alimentícios instantâneos, como chá, suco ou macarrão. O estoque é decidido e controlado pela administração carcerária, e as presas não podem escolher o que terão acesso para comprar (além de poderem ser punidas por indisciplina com a suspensão desse direito). A falta que o poder de compra da vida em liberdade faz a Piper é tamanha que em um telefonema, indaga Larry tão avidamente a respeito do que ele adquiriu no supermercado orgânico – ervilhas, suco de cereja, biscoitos veganos, amêndoas torradas e cobertas com açúcar e tomates – que o rapaz pensa que ela está interessada em fazer sexo por telefone (S01E03).

A falta de liberdade experimentada por essas mulheres em *OITNB* limita também as possibilidades de expressão de suas identidades e de exercer sua cidadania. Afinal, ser cidadão implica ser parte autônoma de um grupo social, como afirma Cortina (2004, p. 3, tradução nossa):

Cidadão é aquele que é o seu próprio senhor, junto com seus pares. Cidadão é aquele que não é súdito, o que não é um vassalo, o que é dono de sua vida. Cidadão é o que faz a sua vida, mas a faz com aqueles que são como ele dentro da cidade. A ideia de cidadania sempre significa ser um cidadão com outros e com outros que são iguais. Entende-se que, na cidade, todos devem ser iguais. Assim, o cidadão é seu próprio senhor, mas com os outros.

Mas o sentido dado a esse pertencimento pode variar de acordo com o contexto histórico e social. Ser cidadão, para Canclini (1995), foi por muito tempo o nivelamento das diferentes capacidades de apropriação e uso de bens por meio da concretização dos direitos e deveres individuais garantidos pelas instituições escolhidas pelos sujeitos para representá-los politicamente. Essa realidade, no entanto,



se complexifica em meio ao intercâmbio de dinheiro, bens, indivíduos e ideias que vem acontecendo ininterruptamente por décadas e que afeta de forma consistente todos os aspectos da vida cotidiana. Essas trocas, para Anthony Giddens (1990, p. 64, tradução nossa), configuram a globalização, “a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa”.

A globalização faz com os referenciais identitários se diversifiquem na medida em que as populações ganham acesso a práticas e costumes oriundos de outros grupos sociais. O cenário impacta no papel das instituições de autoridade, como a Igreja e o Estado, e causa o enfraquecimento dos determinismos sociais que regiam diferentes aspectos da vida, como a família, a educação dos filhos, as amizades e a alimentação. Assim, são aliviadas as pressões das categorias sociais de pertencimento e identidade, e essas se tornam mais fluidas e dinâmicas.

Ser cidadão nessa realidade, para Canclini (1995), não é apenas ter direitos e deveres ditados por instituições políticas e econômicas, mas sentir-se parte de um grupo justamente por meio das práticas socioculturais compartilhadas, sendo que uma delas é o consumo, definido como o “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (*Ibidem*, p. 42-43, tradução nossa). O consumo é visto pelo autor como a principal forma de integração social e a solução para a redefinição constante do sentido de pertencimento e identidade causado pelo processo de globalização econômica e cultural.

Cortina (2002) também supera a definição simplista de consumo como um elo da cadeia de produção de bens, e o enxerga como uma forma de se relacionar consigo mesmo e com outros seres humanos. Para ela, a partir do aumento da produção em massa e da circulação de informação, o consumo tornou-se a essência humana do século XXI: somos *Homo consumens*, com capacidade não apenas de consumir, mas de fazer escolhas relativas ao consumo e de usá-las até mesmo para alcançar a



felicidade. Para a autora, não é o ato de consumir que diferencia o ser humano dos demais seres vivos, mas a capacidade de escolha, sendo que sempre há quem aqueles que não podem tomar decisões em relação ao consumo porque não têm acesso nem a bens de necessidade básica nem à maneira de produzi-los.

No exercício do reconhecimento dos sujeitos como parte de um grupo social, novas referências são incorporadas na construção da identidade, uma “polifonia caótica” (CANCLINI, 1995, p. 60, tradução nossa) que inclui o multiculturalismo, o discurso midiático e de marcas e as construções simbólicas e distintivas. São essas referências que ajudarão o cidadão a sentir-se parte de um grupo e a se comportar de acordo com as regras vigentes no mesmo. A definição identitária, então, antes definida de maneira “socioespacial”, precisa agora ser complementada por uma definição transnacional, desterritorializada e “sociocomunicacional” (*Ibidem*, p. 31, tradução nossa).

Com acesso limitado a essas ferramentas identitárias, as detentas de *OITNB* se tornam ao mesmo tempo exemplo e contraexemplo do cenário proposto por Canclini (*Idem*). Por um lado, formam seus grupos sociais dentro do universo limitado da prisão com base em qualquer traço que tenham em comum, de maneira que as fronteiras raciais e de idade são extremamente demarcadas: as caucasianas moram no dormitório apelidado de subúrbio; as afrodescendentes, no gueto; e as latinas, no Spanish Harlem. Divididas entre esses espaços estão as presas de outras etnias, as idosas – chamadas de Golden Girls, são a base da cadeia alimentar⁴ – e as diferentes religiões e preferências sexuais, que também reúnem as mulheres em grupos

⁴ Montoro e Senta (2015, p. 9) reforçam que as idosas em *OITNB* são quase invisíveis para as outras detentas, o que poderia representar “de forma proposital ou não, o imaginário social hegemônico sobre a velhice”. Esse cenário muda quando as Golden Girls decidem retomar seu poder (e o fazem por meio de uma horta, como veremos adiante).



menores⁵. Ao mesmo tempo, o mínimo acesso a bens de consumo é também explorado na tentativa de definir seus papéis na hierarquia social e seu pertencimento, como o que acontece com a comida e o acesso a seu preparo.

2 - Os sentidos da comida

A comida é uma das poucas oportunidades que as moradoras de Litchfield encontram de exercer seu papel de cidadãs por meio do consumo (CANCLINI, 1995). Sua função como ferramenta identitária é concretizada na relação cultural que o ser humano tem com os alimentos, que é detentora de uma dimensão simbólica que permite consumir o alimento e seu significado. Segundo Fischler (1995), a comida estabelece quem somos e, ao mesmo tempo, quem não somos. Esse sentimento de pertencimento e alteridade é estabelecido por meio das escolhas alimentares: os grupos se diferenciam pelos ingredientes preferidos ou rejeitados.

Os alimentos são portadores de significado, e esse significado lhes permite exercer efeitos simbólicos e reais, individuais e sociais. O tomate e o caviar, de forma muito diferente, nutrem tanto o imaginário quanto o corpo. Permitem “construir” e ressaltar a realidade e as relações sociais. Eles são utilizados segundo representações e usos compartilhados pelos membros de uma classe, de um grupo, de uma cultura (FISCHLER, 1995, p. 80, grifo do autor, tradução nossa).

O poder da comida está também na intimidade de sua relação com o comensal: o ser humano deixa que determinado alimento entre em seu corpo, passe a fazer parte do que o compõe. A isso Fischler (1995, p. 65, tradução nossa) chama de incorporação, “[...] o movimento pelo qual fazemos o alimento ultrapassar a fronteira entre o mundo e nosso corpo, o de fora e o de dentro”. Tal ato permite que certas

⁵ Um breve exemplo: Pennsatucky (Taryn Manning) liderava um grupo de cristãs fanáticas (e viciadas em metanfetamina), mas perde suas seguidoras (S01 e 2). Se convence que as lésbicas estão tentando eliminar a importância masculina para dominar o mundo e vê aí a chance de de ser novamente parte de um grupo e de retomar um pouco de seu poder. Busca refúgio em Big Boo (Lea DeLaria), que, zombando, a convence a cortar os longos cabelos para provar seu comprometimento com a “causa” (S02E13). Supreendentemente, na terceira temporada as duas acabam criando uma forte amizade.



características do alimento sejam transferidas para o comedor física e simbolicamente, de forma quase mágica. Fischler (*Idem*) salienta que a percepção dessa contaminação analógica está presente mesmo em meio à racionalidade do mundo ocidental contemporâneo: acreditamos que alguns alimentos transferem ao comensal suas supostas características, como a força e nobreza da carne de boi ou a repugnância e furtividade da carne de rato.

OITNB traz uma interessante ilustração para essa afirmação do autor (S01E05). Piper vê uma galinha no pátio, e sem querer cria uma comoção entre as detentas, principalmente em Red, que afirma sonhar com uma galinha que sobreviveu ao abate em uma fazenda vizinha da penitenciária. A cozinheira conta que, no sonho, a ave aparecia já temperada e usando uma cartola, e dizia à Red que logo estariam juntas. Ao descobrir que as presas criaram uma onda de boatos afirmando que a ave estava recheada com drogas, armas ou doces, Red se decepciona com a competição, dizendo que só queria “comer a galinha que foi mais esperta do que todas as outras galinhas para absorver o seu poder”. A crença na incorporação não poderia ser mais claramente exemplificada.

Cada vez que ingere um alimento novo, o comensal coloca então sua saúde, sua vida e sua personalidade em jogo, pois o alimento incorporado pode contaminar de forma inesperada e traiçoeira: pode possuir o ser humano por dentro, ou pior, despossuí-lo de si mesmo (FISCHLER, 1995).

Se eu sou o que como, se me transformo naquilo que como, então é conveniente observar o que como com grande vigilância. Do princípio de incorporação desdobra-se um imperativo de prudência, mas também uma possibilidade teórica de intervenção ativa, de dominação, de controle: agir sobre si mesmo, agir sobre o outro, controlar seu próprio futuro e também o futuro alheio (*Idem*, 1996, p. 1-2, tradução nossa).

Então, se o sujeito é o que come, é importante que tenha liberdade para analisar e escolher o que vai comer. Quando essa liberdade lhe é cerceada, pode haver no indivíduo a sensação de que não é mais dono de sua própria identidade: “se o controle da alimentação é um meio e uma condição do controle de si próprio, ele



constitui também um meio e uma condição de controle do outro” (*Ibidem*, p. 3, tradução nossa).

Fischler (*Idem*) relembra diversas situações em que a alimentação representa um meio de pressão e controle, como entre missionários e “primitivos” e o lado ganhador e o perdedor de um combate militar. Mas enxerga isso mais fortemente em instituições como exército, monastério e hospital, por exemplo. Para o autor, partilhar da comida traduz a hierarquia social, e a relação de dependência criada nesses locais mostra ao interno o seu lugar e o que se espera dele moral e fisicamente. A prisão também serve como exemplo, e o regime alimentar imposto ou adotado ali vai ajudar na incorporação das regras sociais pelo indivíduo e na incorporação deste ao grupo.

3 - Comer e cozinhar na prisão

A contaminação analógica decorrente da incorporação e o valor simbólico da comida permitem que essa seja tanto um instrumento de controle quanto de autoafirmação. Os alimentos e seu consumo aparecem em *OITNB* como alegorias para a construção das personagens, e como alternativas para que essas exerçam sua identidade e cidadania (CANCLINI, 1995). Graças ao mimetismo das narrativas midiáticas audiovisuais (LOPÉZ e BALSAS, 2014), essas dão pistas de como usamos a comida para dizer quem somos e a que grupos pertencemos em nosso dia a dia.

Na série, as tentativas de driblar o controle dos guardas em relação à alimentação são profusas. Há, como exemplos, o contrabando de guloseimas proibidas e a secreta fabricação de bebida alcoólica de Poussey (Samira Wiley), que usa ketchup, pão mofado e um “ingrediente secreto” (S01E11, S02E12 e S03E05-06).

Quando uma manobra corporativa troca a comida preparada na prisão por sacos cheios de gororoba que já chega pronta e “tem gosto de marrom” (S03E08), as detentas traçam estratégias para melhorar a refeição. Piper, que havia decidido vender calcinhas usadas pelas presas para “pervertidos” na internet, adota como salário envelopes de tempero de macarrão instantâneo para mascarar o sabor das novas



receitas (S03E08). Enquanto isso, algumas detentas fingem ser judias para comer as refeições congeladas casher (ou kosher) (S03E07 a 09), preparadas de acordo com as leis alimentares judaicas, cujo sabor é elogiado repetidamente, mas o sentido religioso, completamente ignorado até que a administração chama um rabino para avaliar quem tem ou não direito ao menu especial.

Várias presas são vistas tentando tirar comida da cafeteria para consumi-la mais tarde, onde quiserem, mas a infração é geralmente mediada por um policial, que pode ser proibitivo ou conivente. Nesse cenário, a comida dá o tom da personalidade da quieta e isolada Chang (Lori Tan Chinn). O episódio que conta parte de seu passado (S03E06) mostra como ela é discreta e autossuficiente ao conseguir retirar ervilhas em conserva da cafeteria sem ser percebida, amassá-las e misturá-las com salgadinhos artificiais de milho triturados e fazer bolinhos cozidos no micro-ondas. A série mostra que Chang também mantém escondidos um celular e um saco de tangerinas, ambos proibidos.

Outra amostra de como as escolhas alimentares podem moldar a personalidade e o caráter é dada quando Red descobre que Judy King (Blair Brown), a apresentadora de um programa de estilo de vida e cozinha, foi acusada de sonegação de impostos (um enredo que evoca a prisão da apresentadora Martha Stewart por envolvimento em um esquema de uso de informação privilegiada na venda de ações). Quando começa o julgamento da apresentadora fictícia (S03E06), Red diz que nunca gostou de King: “Ela põe creme em seu carbonara. É vulgar”. A escolha, aqui, mostraria traços da personalidade de ambas as personagens: a tradicional, que segue a receita à risca, e a mais maleável em relação às regras.

A comida serve como moeda de troca, para comprar respeito e para selar um compromisso, como o caso de Piper e dos temperos de macarrão instantâneo e também de Vee (Lorraine Toussaint), que troca cigarros por um bolo com Mendoza (Selenis Leyva) a fim de usar o doce para convencer suas companheiras do gueto a retomar a influência que as afrodescendentes tinham em Litchfield quando ela esteve



presa, em um período pré-série (S02E03). Outro exemplo é a cena em que Crazy Eyes (Uzo Aduba), apaixonada por Piper, compra uma briga com Alex na cafeteria, joga torta nela e a ameaça se incomodar sua “esposa” novamente. Quando Piper tenta protestar tal afirmação, Crazy Eyes dá pistas de que não há espaço para discussão: “eu joguei a minha torta por você” (S01E03).

Mas o poder da comida e seu papel como ferramenta de identidade e pertencimento é exemplificado principalmente por Red. No cárcere, a ex-dona de restaurante consegue o comando da cozinha e consolida sua influência chefiando uma operação de contrabando e comprando lealdade com cosméticos e lanchinhos.

Em uma das primeiras cenas de Piper na prisão (S01E01), Red a acolhe com o mesmo presente que está distribuindo para o grupo a que chama de “família”: um iogurte. Piper agradece efusivamente, dizendo que a comida em Litchfield é nojenta, só para finalmente descobrir que Red é a chef. Essa diz que está tudo bem, mas, no dia seguinte, Piper recebe um café da manhã “especial”: um sanduíche recheado com um absorvente interno usado. A equipe da cozinha deixa Piper sem comer por dias até que essa mastiga pimentas para fazer um creme para as dores nas costas de Red, e ganha seu perdão. Nesse enredo, o jogo de poder é claro e reforçado a cada momento.

No último episódio da primeira temporada (S01E13), Red perde o controle da cozinha após um policial forçá-la a ampliar sua rede de tráfico para drogas pesadas usando os carregamentos de comida – é quando Mendoza assume e traz suas amigas latinas. Inconformada, Red tenta sabotá-las causando uma pequena explosão, mas acaba ferindo uma de suas próprias amigas. Mendoza então a bane da cafeteria. Sem poder e sem amigos, Red é vista na temporada seguinte (S02E02) sem dinheiro para comprar macarrão instantâneo na lojinha da penitenciária. Ela está abatida, com as raízes grisalhas aparecendo em seu cabelo vermelho, e já não veste mais a jaqueta de chef com seu nome bordado em vermelho: por cima do uniforme cáqui, traja um moletom cinza. No fim do episódio, inspira tanta pena que é acolhida pelas Golden Girls e volta a ser aceita na cafeteria.



Mendoza e Red fazem as pazes após a russa e as Golden Girls decidirem reconquistar o respeito da prisão e revitalizam uma horta abandonada (S02E07). A latina faz uma oferenda à Red – um iogurte – e sela o acordo de paz pedindo o cultivo de coentro. Red descobre um túnel dentro da instalação, retoma o contrabando de miudezas e celebra a volta de seu status com um grande jantar para fazer as pazes com sua “família” (S02E09).

Na terceira temporada (S03E05 a 07), Red flerta com um policial para conseguir sua cozinha de volta, o que acaba acontecendo quando Mendoza resolve ter mais tempo livre para receber as visitas do filho. Porém, sua alegria dura pouco: é aí que a nova política corporativa passa a prover as repugnantes refeições prontas. Red passa os próximos episódios se desculpando pelo sabor da comida com todos os grupos de presas, e ressaltando que não têm nada a ver com o novo cardápio. Sua salvação criativa vem quando decide usar os frutos da horta das Golden Girls para fazer jantares sofisticados para poucas detentas sorteadas (S03E12): uma manobra que lembra os jantares privados que alguns chefs sem cozinhas para comandar vêm organizando, inclusive no Brasil (MALTA, 2014).

Transformar o alimento, para Red, é a única saída encontrada para construir sua identidade, reforçar sua autoestima, impor respeito e garantir status social dentro do microcosmo de Litchfield. Ela é a intermediária para todas as relações da russa consigo mesma, com as detentas e com os policiais responsáveis por seu encarceramento, todo seu universo.

Considerações finais

Na contemporaneidade, com o enfraquecimento das instituições formais e a chegada de novas referências com a globalização, ser cidadão é fazer parte de um grupo, compartilhando práticas socioculturais. Nesse contexto, a ferramenta mais eficaz para garantir o pertencimento é o consumo, capaz de definir identidades e



integrar a diversidade cultural, abarcando diferentes discursos formadores da sociedade.

Com acesso limitado a esse arsenal, as presas retratadas na série *OITNB* buscam soluções alternativas para exercer seus papéis como cidadãs. Na tentativa de definir seus papéis sociais, agrupam-se com base em qualquer característica que tenham em comum – idade, etnia, religião e preferência sexual e mesmo o crime cometido – e exploram ao máximo a disponibilidade restrita de bens de consumo. A comida e o acesso a seu preparo, nesse cenário, são alternativas valiosas para ajudar a definir quem são, a que grupo pertencem e que espaço ocupam na hierarquia social.

A comida tem permissão para adentrar e compor o próprio corpo do consumidor, fazendo dela um bem de consumo com considerável valor simbólico. Por meio da incorporação das características físicas e simbólicas do alimento, o comensal se constrói ao comer, e por esse motivo escolhe com cuidado o que vai ser ingerido. Em situações de confinamento, como na prisão, esse aspecto da comida é apropriado para transformá-la em ferramenta de controle ao mesmo tempo em que é adotado como instrumento de autoafirmação identitária e de pertencimento.

Em *OITNB*, as duas facetas são apresentadas. Enquanto a prisão tenta controlar as detentas também por meio do que, quando e onde comem, essas rebelam-se contornando as regras da instituição ao comer fora de hora ou de lugar, contrabandear ou produzir alimentos proibidos, e inventar estratégias de adaptação diante do cardápio disponível. A comida é moeda de troca, de convencimento e de submissão. O status social dado à cozinheira que comanda a cozinha – e que, por isso, é responsável pela produção e distribuição da comida – mostra como o acesso a bens alimentícios pode possibilitar poder e controle.

A personagem Red, escolhida como ponto focal do presente trabalho, passa por todas as situações citadas, dando amplo espectro de exemplos dos diferentes papéis que a comida pode representar não apenas nesse produto midiático ficcional, mas em nosso dia a dia. A relação com o comer e o cozinhar, portanto, é bastante



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

3º ENCONTRO DE ODS
1º ENCONTRO DE ODS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

complexa e pode ser observada sob diferentes pontos de vista para possibilitar a análise de seus aspectos simbólicos, culturais, sociais, econômicos e políticos.

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Cidade do México: Grijalbo, 1995.

CORTINA, Adela. **Por una ética del consumo: la ciudadanía del consumidor en un mundo global**. Madri, Taurus: 2002.

_____. Quén, qué, porqué consumir. In: _____; CARRERAS, Ignasi. Consumo... luego existo. **Cristianisme i Justícia**, janeiro de 2004, p. 3-13. Disponível em <<https://www.cristianismeijusticia.net/files/es123.pdf>>. Acesso em 9 jul. 2015.

GIDDENS, Anthony. **Sociology**. Oxford: Polity Press, 1990.

FISCHLER, Claude. **El (h)ominívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.

_____. Pensée magique et utopie dans la science. De l'incorporation à la "diète méditerranéenne". **Cahiers de l'Ocha**, n. 5, Paris, 1996, p.1-17. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00505644/document>>. Acesso em 10 ago. 2014.

LOPÉZ, Javier García; BALSAS, Alicia López. Orange is the new black: una visión antropológica. **Revista de Comunicación de la SEECI**, ano XVII (35), novembro de 2014, p. 19-33. Disponível em: <<http://www.seeci.net/revista/index.php/seeci/article/view/97>>. Acesso em 22 jul. 2015.

MALTA, Roberta. Mais aconchegantes, "jantares secretos" viram tendência em São Paulo. **UOL Comidas e Bebidas**, 28 de agosto de 2014. Disponível em <<http://comidasebebidas.uol.com.br/noticias/redacao/2014/08/26/mais-aconchegantes-jantares-secretos-viram-tendencia-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em 23 de julho de 2015.

MONTORO, Tania Siqueira; SENTA, Clarissa Raquel Motter Dala. Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web. Trabalho apresentado ao **XXIV COMPÓS**, Brasília, 2015. Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-fabac154-53f8-4f01-ae63-9f987a07e2c5_2865.pdf>. Acesso em 22 jul. 2015.

ORANGE IS THE NEW BLACK - OITNB. Desenvolvido por Jenji Kohan. Nova York: Netflix, S01 (2013), S02 (2014) e S03 (2015).